

A SEGUNDA GUERRA NA CONTRAMÃO DO REGIONALISMO EM *O ALBATROZ*, ROMANCE DE JOSÉ GERALDO VIEIRA

Elis Crokidakis Castro¹

Universidade Estácio de Sá
Uniabeu

RESUMO: O texto propõe a releitura da obra de José Geraldo Vieira, *O Albatroz*, a partir de novos elementos de classificação crítica. Busca mostrar a riqueza da obra do autor, que transita na contramão da temática de sua época, apresentando-se como escritor marginal, que já traz a semente de uma escrita pós-moderna e sai do estilo da moda em vigor, entrando numa temática que mistura o universal, o local e o existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Literatura marginal. Guerra.

Quando tratamos de refazer o percurso da crítica em relação a alguns autores momentaneamente esquecidos, debatemo-nos com algumas questões que figuram como lacunas na análise do objeto em foco, a saber: o texto literário de alguns autores.

Os manuais, que hoje ainda são base para os estudos de literatura brasileira, sofrem de um grande mal: não são atualizados. Por isso, nossos alunos convivem com um arsenal que carece de uma releitura com foco no próprio objeto de estudo — a literatura — e não correntes da crítica no momento de sua publicação. Para, entretanto, chegarmos a essas conclusões, temos que mergulhar nessa mesma crítica que hoje nos parece lacunar para, a partir dela, relermos alguns autores, como já dissemos, hoje esquecidos.

Esse é nosso trabalho com a obra de José Geraldo Vieira. Ao examinarmos tal obra, a princípio nos deparamos com a impossibilidade de classificá-la dentro das linhas convencionais que nos sugere a história literária, ou junto ao chamado cânone do qual fazem parte todos aqueles autores que são efetivamente lidos e analisados dentro das faculdades de Letras, o que não quer dizer que sejam os mais lidos pelo público.

¹ Doutora em Letras pela UFRJ, professora de Literatura, Cinema e Direito do Centro Universitário Uniabeu e da Universidade Estácio de Sá. É pós-doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde realiza pesquisa sobre a obra de José Geraldo Vieira.

Mas, em que consiste essa impossibilidade de classificação e como isso vai ser importante na composição e análise da obra desse autor?

Ao estudarmos o que diz a crítica sobre a obra de José Geraldo Vieira, nos deparamos com informações muitas vezes superficiais; outras, taxativas. Não é classificada como regionalista e nem como intimista mas, como diz Bosi, é marginal. E ser marginal, em que implica? Como sua obra poderá assim ser interpretada à luz de uma análise e dentro do cânone?

Parece-nos ser essa a principal questão que envolve os escritos desse autor. Isso porque, quando trata de seus temas, que são universais, o escritor não se prende a qualquer estilo em vigor: ele faz seu próprio estilo. Alguns diriam que isso se dá com todos, mas não é verdade.

Se pautarmos um estudo somente numa questão de estilo, perceberemos que não é à toa que didaticamente definimos fases para a literatura brasileira de acordo com as temáticas e formas de escrita dos autores. Vários são os que professam de uma mesma forma técnica e abordagem temática comum. Exemplos disso, temos os autores do chamado Regionalismo e depois os do chamado Intimismo, onde suas formas de escrita, na verdade, se parecem e por isso são classificadas dentro de um mesmo estilo.

Já com José Geraldo Vieira isso não acontece. Ele escreveu de 1920 a 1977, quando morreu. Seus livros foram inúmeras vezes reeditados enquanto era vivo e a crítica a seu respeito era bastante favorável.

Por que marginal, apesar disso? Sabemos que esse adjetivo posteriormente assume uma conotação diversa quando falamos principalmente em poesia marginal, a que não era publicada por meios convencionais, a que estava à margem do mercado editorial, mas não à margem dos temas. O que não era o caso de Vieira que, como já disse, era festejado e publicado.

Marginal, então, porque não comunga com a ordem do dia, porque desenvolve forma técnica própria, porque transforma ou, melhor, busca transformar a maneira de se fazer romance. Sua técnica é híbrida; sua escrita, ecumênica. Sua prosa se converte em poesia em certos momentos. Seus referenciais não se prendem à localidade, são desterritorializados. Seu espaço romanesco nunca é um só, ele passeia entre os continentes e culturas com a mesma desenvoltura de quem hoje navega virtualmente na internet. Seu texto abre espaço para o erudito, mas também para o popular; abre para as artes plásticas, como abre para o cinema e a música. A razão e a emoção não são, todavia, frutos de um sentimento dicotômico moderno, mas vão (a razão e a emoção) além disso porque impregnam a narrativa de elementos que, muitas vezes, se

desconstroem em si mesmos, porque podem parecer paradoxais, mas não o são, porque sobrevivem na sua realidade inventada.

Sua obra transita entre memórias e invenções. Comum? Sim, mas não é dada ao leitor a possibilidade de perquirir quando é um ou outro, na medida em que os elementos se mesclam com muita naturalidade.

Assim, encontramos romances que tratam de mostrar a vida burguesa e, ao mesmo tempo, tratam da miséria da guerra que ceifa essa mesma vida. Romances que mostram de maneira bem clara e precisa a construção espacial e social de algumas cidades, principalmente o Rio de Janeiro. Esses romances mapeiam a Cidade, assim como mapeiam os acontecimentos mundiais e locais. Não só. Mapeiam também as angústias humanas, o descontentamento, as idealizações, as tragédias de uma vida, enfim, tudo que envolve o ser humano. Isso aparece na narrativa de uma forma fragmentada, picotada, nem por isso menos forte ou densa. Não é um romance só com as angústias, por exemplo, mas essas aparecem nas situações que envolvem os personagens, situações muitas vezes de ação que nem poderiam dar margem a esse sentimento, mas que os veem florescer, fruto de algo inerente ao ser humano.

A inovação dessa escrita então não se restringe a uma qualquer coisa mas, como disse, mistura a forma tornando-a híbrida, lembrando em muito os romances de hoje, onde isso aparece com mais intensidade. Poderíamos sugerir que nesse caso, na sua forma, na sua mistura e técnica, José Geraldo Vieira poderia ter inaugurado entre nós vários dos elementos que hoje temos na escrita pós-moderna.

Na prática, como olhamos? Como isso se dá na escrita de um romance?

Antônio Cândido, em seu livro *Brigada ligeira*, nos fala sobre um dos romances do autor — *A quadragésima Porta*. Segundo o crítico, com sua visão sociológica, estão ali presentes “algumas das atitudes e estados de espírito de certa burguesia litorânea, que pesou, decisivamente, na orientação política, artística e literária do Brasil, no período que vai do Encilhamento ao *crack* de 1929”. (CANDIDO, 1992, p.34). Afirma com veemência que é essa burguesia (que aparece no livro) que vai conduzir o País.

Ao lermos, porém, a obra de José Geraldo Vieira percebemos que não é apenas esse livro de 1943 que tem essa característica. Em outros, essa mesma classe social também é representada.

Assim acontece no Romance chamado *O albatroz*, de 1952. Se seguíssemos a linha de criação do momento histórico em que o romance surge, diríamos que possivelmente ela remeteria

a um Brasil do interior, para não dizer um Brasil nordestino, marcado ainda pelo regionalismo da geração de 45, pelo início de uma literatura psicológica e algum eco longínquo de uma literatura urbana. Todavia, esse romance vai além. *O albatroz* traça a história de uma família marcada por uma tragédia e faz isso através da construção psicológica de uma mulher que sofre a perda de todos os homens de sua família — seu marido, seu filho e seu neto. Cada um deles morre em condições diferentes: o marido, num acontecimento real das manchetes de jornal, a explosão em 1906 do navio *Aquidabã*. O filho morre em um acidente de avião e o neto morre como membro da Forças Armadas Brasileiras na Itália. Talvez seja o único romance que fala da expedição brasileira na Segunda Guerra mundial.

Entretanto, não é só isso. Como em toda obra de José Geraldo Vieira, esse romance mistura a Segunda Guerra com questões nacionais brasileiras e com o lado doméstico de uma família, ou de uma mulher que vê os seus entes queridos sendo mortos de maneira trágica e prematura. Essa mulher, Virgínia, é a principal personagem e dá linearidade à narrativa, pois o seu sofrimento é a essência da história. O livro é dividido em duas partes; cada uma é precedida de uma epígrafe de Simone Weil, filósofa anarquista francesa e pacifista, que fala a respeito da dor e das transformações que ela provoca, do medo e das formas de opressão da vida. Na primeira: “Não procurar deixar de sofrer ou sofrer menos; e sim, não ser alterado pelo sofrimento”; na segunda: “A certa altura da desgraça não se é mais capaz de suportar que ela continue, nem que cesse”.

A etapa inicial do livro se passa no Rio de Janeiro e conta a vida da família e as duas primeiras mortes — a do marido e a do filho. Mostra também como uma mãe cria seu filho sozinha dentro de uma sociedade machista. Entretanto, como já afirmamos, não se trata de uma mulher de uma classe popular. Ela era esposa de militar e tinha uma cultura, a rigor, média. Nota-se que nessa parte as questões domésticas são mais fortes, marcadas sutilmente por valores de uma sociedade tradicional.

Dizem alguns críticos que José Geraldo Vieira era bastante lido por mulheres. Percebemos nesse livro uma importante valorização do papel da figura feminina como pilar fundamental da família. Era a mulher, de fato, a principal responsável pela educação e sustento emocional da família, detendo toda a prudência, toda a razão e também toda a intuição. A época sugerida é uma fase em que a mulher ainda não tinha saído de casa para trabalhar e o livro retrata uma mulher culta, inteligente, com uma visão muito perspicaz da vida e das coisas, que toma as rédeas da família quando os varões morrem. O equilíbrio doméstico ficava sob o seu inteiro poder.

Também nessa primeira parte faz-se um mapeamento da construção urbana do Rio de Janeiro através do tempo. Bairros como Ipanema, Copacabana, Jardim Botânico, Lagoa são ali mapeados e descritos com um rigor detalhista, como é comum nos livros de José Geraldo Vieira. Também aparecem nessa parte as inúmeras citações poéticas, diluídas na escrita em prosa, assim como referências a outros personagens da literatura.

Tempo, espaço, morte, vida, elementos de uma temática universal, são longamente desafiados por essa escrita que não se conforma em apenas relatar o óbvio, mas que vai mais fundo nas impressões. Dessa forma, também nesse romance encontramos trechos de outros livros, citações de músicas que compõem uma trilha sonora, acontecimentos de jornais, citações em outras línguas, cartas, poesias, diários, tudo para compor as mais importantes questões existenciais. Trechos há em que a mitologia grega é também lembrada — nenhum dos homens mortos foi enterrado, todos tiveram mortes trágicas e seus corpos ficaram desaparecidos, tornando inútil o sarcófago construído pela família para abrigar seus entes. Ou seja, uma composição misturada, que não quer ser apenas prosa, que não quer ser apenas relato, mas que se louva em ser tudo ao mesmo tempo.

A segunda parte do livro trata especificamente de Fernando, o neto de Virginia, e da campanha da FEB. Há quem diga que esse era um romance de um pracinha. Nessa parte, a estrutura narrativa se transforma em diário da campanha brasileira na Itália. Cada passo, estratégia de guerra, combate, perdas, tudo o que acontece no *front* é relatado.

Podemos dizer também que é um libelo contra a guerra, contra a perda de jovens vidas. Esse tema também já havia sido evocado pelo autor em outros livros: uma carta a sua filha quando o noivo dela vai para a guerra, *Carta a minha filha em prantos*, um livro autobiográfico e *Terreno baldio*.

A passagem sobre a guerra também não fica restrita à própria guerra. Perpassa na narrativa, o que é mais interessante, uma visão mais humana e menos ideológica dos fatos. O homem que está ali em combate ou prestes a combater re-avalia sua vida, refaz sua história, revê seus conceitos, sente medo e sente a morte de muito perto. Isso o transforma não para a vida, mas para a própria morte. No texto, Fernando, que antes era apenas o neto que foi criado pela avó e não conheceu os pais, analisa sua vida, de sua avó, e seu amor por uma cantora francesa. Lógico que também o amor aparece no livro que mostra a juventude abastada da burguesia carioca no início

do século XX. Os costumes afrancesados, a cultura elitizada e ainda elementos decadentistas aparecem nessa escrita.

A leitura de Baudelaire serve de inspiração e seu poema nomeia o livro, não à toa, mas relacionado à trama, já que *Albatroz* era como a amante francesa chamava Fernando. Essa, mais uma mulher que vê seu homem partir para a morte. Há no final uma imagem bem interessante que lembra Penélope à espera de Ulisses que chegará do mar e da guerra, amante e avó, duas mulheres não mitológicas, mas de verdade “e o que as põe perplexas e desatinadas é a verificação de que o amor não pode salvar as gerações que este século imolou”(Vieira,p.261).

Assim, eis que temos mais uma obra desse autor. Uma obra que, seguindo seu estilo, se recheia de elementos modernos e de reflexões sempre atuais; que apesar de ter marcado uma época histórica, não se torna datada por ela, já que suas questões ultrapassam aquele tempo e se perpetuam para quem quiser ver e tiver oportunidade de buscar a obra que, como outras do autor, já é esgotada e só se encontra em sebos e bibliotecas.

Referências bibliográficas:

VIEIRA. José Geraldo. *O albatroz*. São Paulo: Martins, 1952.

The II World War goes the wrong way of regionalism in *O Albatroz*, a novel by José Geraldo Vieira

Elis Crokidakis Castro

Abstract: The text proposes a new reading of the novel *O Albatroz*, by José Geraldo Vieira. This investigation is based on the necessities of new critical classifications. It aims at showing the richness of Vieira's works, which go against the literary trends of his time. He introduces himself as a marginal writer who brings in advance the seed of a postmodern writing which does not fit into the style of his time. His writings introduce themes that blend the universal, the local and the existential.

Key words: Narrative. Marginal literature. War.